

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS Uni-ANHAGUERA
CURSO DE PEDAGOGIA**

**O OLHAR DO PROFESSOR COMO FACILITADOR DA
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DE
ANSIEDADE E DEPRESSÃO NO AMBIENTE DE SALA DE AULA**

**ELISÂNGELA NUNES PASSOS LIMA
LETÍCIA CRISTINA MOREIRA SOUSA**

GOIÂNIA
Agosto/2018

**ELISÂNGELA NUNES PASSOS LIMA
LETÍCIA CRISTINA MOREIRA SOUSA**

**O OLHAR DO PROFESSOR COMO FACILITADOR DA
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DE
ANSIEDADE E DEPRESSÃO NO AMBIENTE DE SALA DE AULA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA, sob a orientação da Professora Liliane Chaves, como requisito parcial para obtenção da licenciatura em Pedagogia.

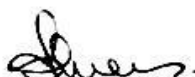
GOIÂNIA
Agosto/2018

TERMO DE APROVAÇÃO

**ELISÂNGELA NUNES PASSOS LIMA
LETÍCIA CRISTINA MOREIRA DE SOUSA**

O OLHAR DO PROFESSOR COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO NO AMBIENTE DE SALA DE AULA

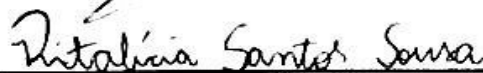
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção da licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA, defendido e aprovado em 16 de novembro de 2018 pela banca examinadora constituída por:



Profa. Liliane da Silva Chaves
(Orientadora)



Prof. Me. Renato de Oliveira Dering
(Membro)



Ritalícia Santos Sousa
(Membro)

Elisângela Nunes Passos Lima¹

Leticia Cristina Moreira de Sousa²

Liliane da Silva Chaves³

RESUMO: O presente artigo propõe uma reflexão sobre a dificuldade de aprendizagem da criança que apresenta transtorno de ansiedade e depressão associado ao pensamento suicida, e acerca da importância do olhar do professor no ambiente de sala de aula, onde o estudante não consegue desenvolver as habilidades cognitivas de acordo com sua idade-série. Por isso, é de extrema relevância a atenção do mediador para cada um em sua singularidade. Compreender que a dificuldade pode estar associada a conflitos de ordem familiar, stresse, abuso ou falta de interação social, e que este estudante não quer chamar atenção como rotula grande parte da sociedade é fundamental, para tanto é relevante que a família perceba essa necessidade e a escola junto a equipe multiprofissional possa orientar e auxiliar a busca de tratamento junto a profissionais da área de saúde, e assim amparar esse estudante que pede ajuda. Dessa forma, o acompanhamento multiprofissional para o bem-estar da criança neste aspecto vem de encontro com a permanente formação do pedagogo para os novos desafios para o século XXI, é importante que a educação retome os paradigmas dela e que trabalhe as habilidades socioemocionais onde os professores poderão promover relações agradáveis no cotidiano e avançar para uma boa atuação no convívio interpessoal, buscando o bem-estar para uma aprendizagem qualitativa.

Palavras-chave: Docente. Estafa. Melancolia. Aprendizado.

Abstract: This article proposes a reflection on the difficulty of learning the child presenting with anxiety disorder and depression associated with suicidal thoughts, and the importance of teacher's look in the classroom where the student fails to develop cognitive abilities according to their age series. So the mediator's attention to each one in its uniqueness is of extreme relevance. Understand that difficulty may be associated with family conflicts, stress, abuse or lack of social interaction, and that student doesn't want to call attention as it labels great part of the society is fundamental, it's relevant that the family perceive this need and the school together with the multiprofessional team can guide and help the search for treatment among health professionals, and to give shelter to this student who asks for help. In this way the multiprofessional attendance for the welfare of the child in this aspect comes against the permanent formation of the pedagogue for the new challenges for the 21st century, it's important that education retakes the paradigms of it and that works the social-emotional abilities where teachers can promote pleasant relationships in daily life and move towards a good performance in the interpersonal relationship seeking the well-being for a qualitative learning.

Keywords: Teacher. Extenuation. Melancholy. Learning.

¹Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. Currículo Lattes: (<http://lattes.cnpq.br/5535103274896464>) E-mail: elisangelalimah@hotmail.com

²Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás–Uni-ANHANGUERA. Currículo Lattes: (<http://lattes.cnpq.br/4121144337849366>) E-mail: leticia.clarinha@hotmail.com

³Professora Assistente no Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. Currículo Lattes: (<http://lattes.cnpq.br/3491431455843659>) E-mail: liliane.chaves@yahoo.com.br

LISTAS DE ABREVIATURAS

UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância do olhar pedagógico do professor com relação às crianças depressivas no meio escolar. Estudar a relação estabelecida entre o professor e o estudante no ambiente de sala de aula a fim de mitigar os conflitos é fundamental, pois, infelizmente, o transtorno de ansiedade em crianças vem crescendo e comprometendo a aprendizagem. No entanto, introduzir as competências socioemocionais no processo de ensino-aprendizagem pode ajudar a assimilar os fatores desencadeadores dos quadros depressivos para, assim, mediar de forma mais assertiva e segura os conflitos do estudante. De acordo com Menin (1996, p. 99):

Pais e professores são inevitavelmente modelos para as crianças. Podem ser bons modelos, moralmente falando, ou péssimos. Em qualquer dos casos, suas ações, seus julgamentos e os valores que se exteriorizam farão parte do modo de ser das crianças.

O professor, estando atento e com o apoio da família, poderá identificar o que leva o estudante a estar desinteressado no ambiente de sala de aula, e a escola, por sua vez, junto à equipe multidisciplinar, poderá orientar seus tutores a buscar na saúde os cuidados médicos especializados para o tratamento dos transtornos que ocasionam a tristeza profunda na criança. Partindo dessa ótica, o mediador poderá proporcionar acolhimento para o estudante em desequilíbrio emocional, promovendo metodologias inovadoras e diferenciadas para despertar o desejo de aprender.

Assim entendido, o papel do professor no processo de ensino é mediar a aprendizagem concreta e significativa. Freud adverte que a escola deve oferecer aos alunos apoio e amparo, pois, ao começarem a frequentar as instituições formais de ensino, os adolescentes afrouxam seus vínculos com a família e passam a se interessar por outros ambientes na vida. O estudioso alega que os adolescentes são indivíduos imaturos e que a escola deve acolhê-los, mesmos nos seus aspectos mais desagradáveis (FREUD, 1910).

É necessário que a escola de fato seja capaz de oferecer condições pedagógicas que assegurem a aprendizagem dos estudantes com depressão e/ou com transtornos obsessivos de ansiedade, e que, por consequência, trabalhe as habilidades socioemocionais, como: autoconhecimento, autogerenciamento, consciência social, habilidades sociais e tomada de decisão. Dessa forma, ao cumprir com tais requisitos, proporcionará um ambiente de acolhimento para que o processo de aprendizagem seja garantido.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, buscando refletir e compreender a importância do olhar do professor com relação às crianças com transtorno de ansiedade e depressão, que, por conseguinte, têm dificuldades na aprendizagem.

Marconi e Lakatos, (2011, p. 44) coloca a pesquisa bibliográfica da seguinte forma: “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto [...]”.

As pesquisas foram feitas em artigos, livros, site da internet e nos demais informativos sobre o tema com foco no processo de aprendizagem de crianças com depressão e ansiedade no ambiente de sala de aula.

3 Depressão infantil e ansiedade no contexto escolar

De acordo com Barbosa e Lucena, a depressão na infância é um transtorno que se caracteriza basicamente por tristeza e anedonia, associados a transtornos de sono, de alimentação e somáticos como cefaleia, tontura, taquicardia e sudorese. Na criança, mais frequente que a tristeza é a irritabilidade, o mau humor e a anedonia, que é a falta de prazer com as atividades habituais, como brincar, sair com os amigos, jogar, assistir televisão, estudar, entre outros. (BARBOSA E LUCENA apud CORTEZ, 2005, p. 18).

É importante que desde cedo seja trabalhado com as crianças a ludicidade, a psicomotricidade e as habilidades emocionais, pois, na fase da infância, os primeiros sintomas podem aparecer, ainda que de maneira tênue, pela primeira vez. A depressão pode começar a se desenvolver de forma diferente e ser confundida com capricho, rebeldia e falta de atenção. Nesse estágio, as crianças costumam desenvolver tiques nervosos, irritabilidades, falta de sono, falta ou aumento do apetite e, por consequência, falta de interesse escolar e até nas brincadeiras.

De acordo com CRUVINEL e BORUCHOVITCH, “apesar de ainda haver muitos pontos de controvérsia entre os estudiosos da depressão, não há mais dúvida quanto à presença de sintomatologia depressiva em crianças”. (CRUVINEL E BORUCHOVITCH apud OLIVEIRA; LIMA; MAGALHÃES, 2018). São vários os sintomas que caracterizam a depressão, sendo que a tristeza e a irritabilidade são os mais comuns.

Uma das consequências da depressão em crianças na fase escolar normalmente é o desempenho insatisfatório, que pode ser desencadeado por uma grande variedade de fatores, como famílias desestruturadas e/ou perda de um ente querido. A cada mudança no ciclo da criança, o emocional é determinante para o seu desenvolvimento. Segundo Konkiewitz, “a professora e a família não podem olhar apenas para o desempenho da criança, mas analisar também as suas dificuldades emocionais, os desafios que essa criança enfrenta e seu modo de agir”. (KONKIEWITZ, 2016, p. 13).

Independente se o estudante tem alto ou baixo rendimento escolar, o transtorno de ansiedade pode acontecer e se desenvolver através de possíveis preocupações, como ameaça de colegas na escola, cobrança dos pais, dentre outras. Segundo a psicóloga Sanches (2010, p. 52), “quando estamos nervosos ou ansiosos, não pensamos com a mesma clareza e é fácil focarmos apenas nos aspectos potencialmente negativos”. Dessa forma, o acompanhamento profissional passa a ser essencial para o bem-estar da criança.

É preciso entender que o estudante, na maioria das vezes, não quer chamar a atenção, como dizem alguns pais e professores, mas, pelo contrário, estão demonstrando, simplesmente, que algo não está certo. O olhar pedagógico neste período é de fundamental importância para que o professor possa ajudar o aluno no início do transtorno de ansiedade e depressão.

Assim a família deve priorizar a atenção e os cuidados com a criança, pois é responsável por seus primeiros valores. Szymanzki (2003 p. 22) afirma que “é na família que a criança encontra os primeiros “outros” e, por meio deles, aprende os modos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito”.

Para os autores Gay e Volgels (1999, p. 69):

A complexa interação entre os sintomas psicossomáticos e os sentimentos depressivos muitas vezes leva a dificuldades educativas resultando num desempenho escolar empobrecido. Os sintomas interligados de pouca concentração, letargia, fadiga, falta de energia, falta de motivação, certamente serão detectados na avaliação escolar e podem ser indicadores de sentimentos depressivos subjacentes que afetam o desempenho escolar de uma criança.

Nesse sentido, a depressão infantil pode ser vista como um dos alertas para o baixo rendimento escolar e, por isso, os pais e os professores devem estar atentos aos sintomas, pois, de acordo com Carmo, Silva e Trancoso (2009, p. 336), “um dos aspectos que apontam a importância do papel do professor para ajudar no diagnóstico do transtorno de humor nas crianças é o fato de, ao contrário dos pais, o professor tem um conhecimento maior sobre o desenvolvimento infantil”.

O professor, por ficar várias horas com o estudante, precisa estar atento ao desenvolvimento, podendo assim ativar a escuta ativa e criar estratégias para que o aluno possa aprender e assim estabelecer um vínculo de confiança com o mediador. Segundo Oliveira-Formosinho (2008, p. 33), o estudante “compreende a sua competência, escuta a sua voz para transformar a ação pedagógica numa atividade compartilhada”. O autor afirma ainda que a pedagogia está centrada na “construção de um cotidiano educativo que concebe a criança como uma pessoa com agência, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa e como cidadão da família, da escola, da sociedade”.

Com isso, a escuta ativa, quanto utilizada para desenvolver habilidades e para promover relacionamentos, sem causar traumas e respeitando as duas partes, traz grande potencial de ganho na aprendizagem. Sabe-se que é de fundamental importância que professores e pais sigam os mesmos direcionamentos, que todos os envolvidos nessa relação desempenhem seu papel.

Para tanto, a ansiedade pode ser aliada no processo de ensino aprendizagem, auxiliando essa criança, pois é essa emoção que nos ajuda a lidar com os desafios do dia-a-dia, mas, quando exacerbado, esse sentimento pode desencadear o distúrbio chamado Transtorno de ansiedade, e as crianças, a cada dia mais, vêm sofrendo com esse mal, por presenciar brigas familiares, separações, relações na escola etc. Sem que saibam o porquê, sentem medo, ficam agitadas e sofrem com essa tensão desagradável que afeta a aprendizagem escolar.

Para Margis, o transtorno de ansiedade se manifesta porque:

[...] algo está para acontecer, ela representa um contínuo estado de alerta e uma constante pressa em terminar as coisas que ainda nem começamos. Desse jeito, nossos domingos têm uma apreensão de segunda-feira e a pessoa antes de dormir já pensa em tudo que terá de fazer quando o dia amanhecer. É a corrida para não deixar nada para trás, além de nossos concorrentes. É um estado de alarme contínuo e uma prontidão para o que der e vier. (MARGIS apud CALSA; AMARAL; NASCIMENTO, 2012, p.03).

E estar alerta é essencial para que o aprender pedagógico desse estudante não fique comprometido. ADAMS, correlaciona a ansiedade com a chuva, dizendo: “Um pouquinho faz bem. Ajuda no crescimento das plantas, e propicia-nos alimento. Entretanto, chuva demais pode ser algo ruim. Normalmente, nada pode crescer se a terra estiver encharcada”. (ADAMS apud NAUE; WELTER, 2018, p.06). Nesse sentido, a ansiedade, na medida certa, faz bem, mas, se exagerada, compromete a aprendizagem dos conteúdos mediados pela professora.

3.1 O olhar do professor no ambiente escolar/ de sala de aula como mediador de aprendizagem e a importância da escuta

O espaço de sala de aula é onde se constrói a aprendizagem do estudante. Nesse fazer pedagógico, o professor deve estar atento à especificidade de cada criança, aliada ao processo de ensino aprendizagem, respeitando a singularidade que cada uma traz consigo, para poder, de fato, contribuir com o objetivo implícito, que é mediar o saber garantindo a autonomia de cada um no processo de aprender.

De acordo com Konkiewitz (2015 p. 34):

Crie um ambiente escolar propício, onde a criança poderá desenvolver as suas potencialidades. Deve haver calma, tranquilidade, segurança e a cooperação entre os alunos deve ser estimulada. Muitas crianças são atormentadas pelo medo de fracassar, de parecerem estúpidas, ou ridículas, ou de serem motivo de riso.

O professor no século XXI deixa o papel de transmissor de conhecimento. No campo da neurociência, há estudos que o indicam como o mediador contemporâneo, que trabalha outras habilidades além das cognitivas para que seus estudantes sejam protagonistas de sua aprendizagem. Dessa forma, a mediação, por consequência, fará com que o aluno venha a adquirir segurança para dialogar sobre seus conflitos, para lidar melhor com o stress e com as frustrações.

De acordo com Konkiewitz (2015 p. 13), a professora e a família não podem olhar apenas para o desempenho da criança, mas devem se atentar, também, para a análise das suas dificuldades emocionais, dos desafios que essa criança enfrenta e do seu modo de agir.

Segundo Freire (1996, p. 96):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas.

O profissional na sala de aula, respeitando a atual condição do estudante, ou seja, a sua vivência de mundo, poderá, através da escuta ativa, promover a troca dos saberes substanciais em uma relação direta. Essa relação vai além dos conhecimentos acadêmico ensinados programaticamente.

O professor deve promover as condições necessárias para o desenvolvimento da autonomia no estudante a fim de que ele consiga desenvolver as metodologias propostas pelo mediador no ambiente de sala de aula, porque mediar a interação professor/estudante e estudante/estudante é uma situação que deve ser considerada como de alta relevância no que concerne à aprendizagem. Estar atento ao desenvolvimento cognitivo e emocional, para não haver insucesso na atuação de ambas as partes, é fundamental e a motivação, quando designada e valorizada, assume o papel de levantar a autoestima e fomentar o ganho de confiança.

Segundo Vasconcellos, (2009, p. 173) o “ensino se dá sempre em condições concretas, sendo necessário, portanto, analisar o contexto em que está inserido. Buscamos um currículo que tem por base os sujeitos, seus tempos de vida, suas necessidades, desejos, projetos”.

A escola deve orientar a família para que eles possam buscar ajuda com os profissionais das áreas da saúde como neuropediatras, psicólogos, psiquiatras infantis, psicopedagogos e outros que vão auxiliar a criança no seu desenvolvimento diário, visando alcançar seus objetivos e por sua vez encontrar o prazer na sala de aula. Para Sousa (2000), a conduta do professor em relação ao estudante, será determinante para o autoconceito da criança, pois os sentimentos que um aluno tem sobre si mesmo, dependem em grande parte, dos comportamentos que percebe que o professor mantém em relação a ele.

Para KONKIEWITZ (2015, p. 15):

Toda criança necessita de uma observação cuidadosa, longa e, de preferência, realizada em diferentes ambientes e por diferentes pessoas que com ela interagem. É importante que se considere as impressões dos pais, a história da família, as impressões dos professores, a avaliação psicológica etc.

Consequentemente, a construção dessa criança, que logo se tornará um adulto, poderá ser pautada em valores, com uma vivência construída na diversidade, integrada socialmente.

3.2 Desenvolvimento das habilidades socioemocionais como ferramenta no ambiente de sala de aula

Segundo Jacques Delors, em um relatório de 1990 feito para a UNESCO, os quatro pilares da educação são: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer. Onde ele já visava um aprendizado mais amplo e completo para a vivência satisfatória dentro do grupo social.

O aprender a conhecer diz respeito à conquista dos instrumentos do conhecimento, porque esta aprendizagem busca o conhecer, o compreender e o descobrir. Nessa etapa, o estudante começa a adquirir saberes desde cedo e é um processo para a vida toda. O professor precisa sempre despertar o interesse pelo novo, pela vontade de querer saber sempre mais de formar as suas próprias opiniões.

O aprender a fazer está direcionado ao agir sobre o meio envolvente, está voltado para a parte de comunicação, para a aprendizagem. Este pilar se baseia na comunicação do estudante, envolvendo ambas as partes, a recepção e a transmissão das informações, fomentando as condições necessárias para o despertar de um ser crítico.

O aprender a viver juntos mostra a parceria na cooperação com os outros, a valorização da educação como caminho para a paz, a tolerância e a compreensão, pois o respeito que é demonstrado pelos estudantes hoje frente ao professor é equivalente ao respeito que os mesmos recebem em casa.

O aprender a ser engloba todos os outros conceitos anteriores e, a partir deles, cria a educação como destinada ao desenvolvimento total do indivíduo. A educação passa a ver e a entender o estudante como com sujeito de valores e atitudes próprias.

O olhar acerca da educação para século XXI visa o desenvolvimento das competências e habilidades socioemocionais que vêm para dar suporte tanto às crianças como aos adultos, auxiliando no que diz respeito a colocar em prática as diferentes habilidades, para que consigam manter relações sociais, controlar suas emoções e conseguir tomar decisões responsáveis. As competências e habilidades socioemocionais são muito importantes no desenvolvimento como um todo, podem auxiliar tanto na vida acadêmica como na vida pessoal, por isso a necessidade de serem trabalhadas em todos os espaços.

Nesta perspectiva, a escola, juntamente com os pais, tem uma responsabilidade neste desenvolvimento emocional. Ao pensar em uma educação inovadora, a aprendizagem se torna significativa e o estudante consegue assimilar e ter uma boa atuação acadêmica. Essa motivação pode ajudar nas tarefas diárias, nos objetivos a serem alcançados e na relação social vivida em qualquer ambiente.

Na construção das competências e habilidades para o século XXI, há estudos, realizados em meados da década de 60, que permeiam agora a discussão, a fim de colaborar com o desenvolvimento humano. Os pesquisadores Robert McCrae e Paul Costa exibiram o BIG FIVE, ou Modelo dos Cinco Grandes Fatores, que são: Neuroticismo, Extroversão, Simpatia e Concienciosidade. Essas dimensões, como afirma John que é professor de psicologia

na Universidade da Califórnia em Berkley e autor do The Big Five Personality Test, ajudam a estudar a personalidade humana, proporcionando um melhor desempenho na aprendizagem. O pesquisador destaca que o modelo está disponível para o mundo e à disposição, em especial para os educadores, para que se possa compreender o que acontece com os indivíduos e, através dessa compreensão, ajudá-los. De acordo com John, temos a oportunidade de criar uma conexão com as escolas e, nesse processo, não devemos menosprezar, enquanto atributos, as competências socioemocionais.

O “autoconhecimento” é quando se é capaz de reconhecer as próprias emoções, os pensamentos e valores, tendo o cuidado de observar como são refletidos nas ações e no comportamento, analisando os pontos fortes e as limitações com responsabilidade e otimismo, visando o crescimento pessoal. Já o “autogerenciamento” se constitui na capacidade de controlar as emoções, superando obstáculos com domínio dos impulsos nas situações mais adversas que a pessoa possa encontrar em seu cotidiano, criando condições que possam garantir a automotivação, através de autodisciplina e definição de metas.

A “consciência social” se relaciona com o ser social, a empatia com princípios éticos que são exigidos no cotidiano, tendo o apoio da família, da escola e da comunidade, integrando os processos relacionados a aprender, a ser, a conhecer, a fazer e a conviver com normas sociais. Nesse sentido, as “habilidades sociais” consistem em ter clareza ao se comunicar, estabelecendo relações em que a comunicação com os outros seja saudável, com a capacidade de saber negociar conflitos, cooperando e resistindo à pressão social, e, se necessário, oferecer ajuda para mediar conflitos.

Durante a “tomada de decisão” é importante saber ser construtivo nas interações sociais e na capacidade de conhecer o que é ético e o que é real, avaliando as consequências de nossos atos nos padrões de segurança, identificando problemas, e, por conseguinte, a resolução dos mesmos, analisando as situações com responsabilidade.

De acordo com Abed:

O professor não é um psicólogo, a escola não é um local apropriado para a psicoterapia, o setting das relações entre professor e aluno não é clínico. É preciso deixar claros os limites da atuação pedagógica e da responsabilidade do professor: seu compromisso com a construção do conhecimento, sustentada pelo desenvolvimento de competências e habilidades que viabilizam e revestem a aprendizagem de profundos significados. (ABED, 2014, pp. 103-104)

Para Kandel (2000), ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, a neurociência atual é a neurociência cognitiva, um misto de neurofisiologia, anatomia, biologia desenvolvimentalista, biologia celular e molecular e psicologia cognitiva.

Neste sentido, a neurociência cognitiva colabora na ação pedagógica para educação do século XXI, potencializando a interação social na relação professor e estudante. Desta forma, o autor Antônio Nóvoa, reitor da universidade de Lisboa, relata que: a “estrutura educacional de hoje foi criada no fim do século XIX. É preciso fazer um esforço para trazer ao campo pedagógico as inovações e conclusões mais importantes dos últimos 20 anos na área da ciência e da sociedade”. (ANTONIO NÓVOA apud SALLA, 2012). Por sua vez, o professor, ao inovar e se adequar às mudanças, passa a ter uma visão sobre as necessidades emocionais dos alunos, proporcionando um ambiente estimulante e favorecendo a aprendizagem.

3.3 Depressão que desencadeia a ideação suicida no ambiente escolar

Segundo a OMS, em 15 de maio de 2018, a cada 40 segundos uma pessoa se suicida no mundo. Katia de Pinho Campos, coordenadora da Unidade de Determinantes da Saúde, Doenças Crônicas Não Transmissíveis e Saúde Mental da (Organização Pan-Americana da Saúde) OPAS/OMS (Organização Mundial da Saúde) no Brasil, defende que deve partir de todos nós a coibição dessas mortes evitáveis. Por ano, são 800 mil suicídios, cerca de 65 mil, dentre as ocorrências registradas, aconteceram na região das Américas.

O transtorno de ansiedade e a depressão colaboram para a ideação suicida por propiciar uma visão negativa da própria pessoa e também do mundo a sua volta. Reconhecer as tendentes suicidas no ambiente escolar é extremamente importante, uma vez que esse comportamento que se difere dos demais não é só para chamar a atenção, mas, sim, para demonstrar que o estudante está pedindo ajuda por sentir dor emocional.

Nesse sentido, Souza (2010, p. 6) afirma que:

No Brasil, 43 crianças de 0-9 anos entre 2000 e 2008 (média anual de cinco) morreram por suicídio, o que corresponde a 0,1% do total de mortes por essa causa. O enforcamento foi a forma utilizada por 80% dos meninos. As meninas utilizaram preferencialmente intoxicação medicamentosa, objetos cortantes e afogamento. No mesmo período, morreram 6.574 adolescentes de 10-19 anos por suicídio. Em média, anualmente, 730 adolescentes morrem por suicídio.

Os fatores que podem levar ao suicídio são diversos, partindo da ideação, seguindo para a tentativa e, por vezes, chegando à consumação do ato em si. Entre os fatores, estão a bagagem cultural, abuso e opção sexual, o *bullying* e a violência no âmbito familiar, que, por consequência, pode ocasionar a dificuldade de aprendizagem. As manifestações através dos 3 “D” (desesperança, desamparo e desespero) devem ser vistas, pela família e por todos os funcionários da escola, como alertas. Dialogar sobre o assunto é fundamental e o diálogo precisa ser contínuo.

Nesse sentido, Freud alerta que ninguém encontra

(...) energia mental necessária para se matar, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem (FREUD, 1987, p. 202).

Por muito tempo, acreditou-se que falar sobre o suicídio iria incentivar as pessoas a cometer o ato. Agora, entende-se que é preciso expressar, só assim se chegará à quebra do tabu para que se entenda o que leva a esses pensamentos. Um corpo docente preparado poderá trabalhar na prevenção, auxiliando o estudante quando os primeiros sinais surgirem.

Visto isso, a automutilação é uma das ações denominadas também como de para-suicídio. Com essa atitude, o estudante sinaliza que precisa de ajuda, pois não quer, de fato, interromper a própria vida. Objetos como lâminas são usados para fazer cortes nos membros e na barriga. Com receio de uma repressão, os adolescentes passam a utilizar roupas de manga longa para esconder as cicatrizes.

Para Le Breton:

O corte no corpo é uma forma de tentar barrar o sentimento de colapso. O choque de realidade que ele induz, a dor consentida, o sangue que corre religa os fragmentos esparsos de si mesmo. Permite que haja uma reintegração e alimenta o sentimento de se estar viva, de restabelecimento das fronteiras de si (LE BRETON apud FORTES; MACEDO, 2017, P. 360).

A Educação emocional é uma metodologia positiva que pode ser usada como um instrumento pedagógico para redimensionar os conflitos internos das crianças a partir da qual professores preparados poderão trabalhar para a prevenção, auxiliando o estudante com projetos que incentivem o bem-estar.

Em conformidade com essa perspectiva, Weiss (2008, p. 25) defende que:

Aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento e a expressão deste através da produção escolar. Remete aos aspectos inconscientes envolvidos no ato de aprender. O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com a sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica.

A escola, com uma atitude acolhedora e sem julgamentos, poderá ouvir esse adolescente, que, por sua vez, pode estar passando por uma dificuldade de compreensão do conteúdo, e uma escuta poderá diminuir essa tensão. Caso seja detectada a necessidade de acompanhamento especializado, o professor poderá, em uma conversa com a família, orientar os responsáveis na busca de profissionais da área da saúde para acompanhar o estudante.

Por essa razão, é preciso que a escola repense e entenda o seu papel em meio a sociedade. A constante presença da família nesse movimento em prol do desenvolvimento do estudante também é essencial, sendo esse um problema de ordem pública. Se o que se vive hoje nunca foi visto, nem mesmo referencial para fundamentar os casos existe para amparar os que vão em busca de auxílio.

Sobre o assunto, a OPAS/OMS assim declara: “Suicídio é um grave problema de saúde pública e sua prevenção deve ser prioridade”. O índice de suicídio no Brasil foi divulgado pela primeira vez, segundo o Ministério da Saúde, em 21 de setembro de 2017. O boletim epidemiológico destaca que a quantidade de jovens entre 15 e 29 anos que cometeram tentativas de suicídio e que vieram a óbitos chama a atenção, sendo a quarta maior causa de morte entre essas idades. A cada 100 mil habitantes, 9 homens cometem suicídio e, entre as mulheres, o índice é de 2,4 por 100 mil, cerca de quatro vezes menor. Na comunidade indígena, a relação concentra em 44,8% dos óbitos, na faixa etária de 10 a 19 anos.

Em Goiás, ainda que não haja dados documentados, por vezes, as notícias de suicídios entre crianças correm em grupos de WhatsApp. Raquel Moraes, via G1 Goiás, divulgou, em 03 de abril de 2018, que a Polícia civil de GO estaria investigando grupos de jovens nas redes sociais com ideação suicida. A apuração teve início quando um menino de 13 anos e outro de 14 consumaram o ato. Há ações sendo desenvolvidas entre a Polícia Civil Criminal, Ministério público de Goiás, Secretaria de Educação do Estado de Goiás e Secretaria da Saúde a fim de amenizar esta situação que tem se tornado alarmante nas escolas públicas do Estado de Goiás.

3.4 A importância da formação do professor no processo aprendizagem e da equipe multiprofissional como parceira na escola

A formação do professor é de grande importância, seu papel é mediar o conhecimento, provocando no estudante o desejo de aprender e colaborando para que este construa sua opinião perante a sociedade. Promovendo a troca no ambiente escolar com afeto, ele fará com que as crianças engajadas tenham mais facilidade de assimilar os conteúdos e, dessa forma, a orientação feita com responsabilidade para com criará oportunidades de se manifestar em seu convívio, com segurança, em busca de seus direitos.

De acordo com Libâneo:

Educação é um conjunto de ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal para realizar nos sujeitos humanos as características do ser humano. (LIBÂNEO apud SOUSA; SILVA. 2017)

Humanizar requer ações que, por sua vez, necessitam de um conjunto de comportamentos, que carece de uma formação continuada por parte dos profissionais, indo além da graduação, para que haja resultados. Criada em 20 de dezembro de 1996, a lei nº 9.394, de nome Lei e Diretrizes e Base da Educação – LDB, explica o que é a formação de professores. Vale ressaltar, na LDB, os artigos 62, 63 e 64:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão: I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental; II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica; III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis. Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional (BRASIL, 1996).

A formação acadêmica ao professor permite atuar, mas é necessário, diante de uma sociedade tão conturbada e acelerada, estar atento para os novos desafios e aprimoramentos de sua formação inicial. Aos olhos dos estudantes, a escola se torna um espaço não muito

interessante e, dessa forma, torna-la atrativa é desafiador. Para isso, a formação continuada do professor é imprescindível para o mundo moderno em que estamos vivendo.

Segundo Moreira,

Para mediar a construção da autonomia e emancipação socioantropológica, os profissionais da educação, pelo processo de formação continuada, realizam sua reinvenção e passam por uma metamorfose. Transformam-se destruindo-se como professores e construindo-se educadores pesquisadores. Tornam-se progressivamente agentes teórico-práticos, docentes que mediam a formação humana e pesquisadores que investigam sua própria prática e sistematizam os conhecimentos nela produzidos. (MOREIRA, 2002, p. 25)

Como dizia Paulo Freire, “uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 1999, p. 121). Nesse sentido, ser livre com responsabilidade é assumir as consequências de nossas atitudes perante a sociedade, e essa construção se faz através da família que educa e da escola que transmite o conhecimento, da igreja e dos grupos sociais.

Os desafios, no ambiente escolar, são permeados por diversidades que envolvem demandas de âmbito social. É fundamental que os profissionais adequados componham esse quadro de funcionários da escola a fim de promover uma educação de qualidade. Nesse sentido, a escola precisa se entender enquanto instituição e redimensionar os papéis, buscando suporte junto à Equipe Multiprofissional no que diz respeito às orientações e aos encaminhamentos dados aos pais sobre as possíveis demandas levantadas com os estudantes. Não cabe à equipe multiprofissional desenvolver o trabalho clínico na escola. Os profissionais – assistentes sociais, psicólogos, fonoaudiólogo e o psicopedagogo – devem orientar e encaminhar a família, buscando atendimentos de saúde para tratamento do que seja, depressão, ansiedade, etc.

Para Miranda:

A amplitude e o fazer do psicólogo escolar justifica-se pela pluralidade de situações, demandas e sujeitos que compõem o cenário escolar. Assim, compete a esse profissional desenvolver trabalhos de orientação vocacional e profissional com alunos; trabalhar no desenvolvimento de ações preventivas; desenvolver ações com o corpo docente sobre temas pertinentes que merecem atenção na escola; realizar trabalhos com familiares; participar da construção do projeto político pedagógico da escola, dentre outros (MIRANDA, 2013, p. 1).

Logo, o papel da equipe é voltado para ajudar a escola em ações preventivas, não cabendo à mesma deliberar clinicamente no ambiente escolar, pois, do contrário, feriria o

código de ética, uma vez que a ansiedade e a depressão são transtornos sérios que devem ser tratados no âmbito da saúde.

4 CONSIDERAÇÕES

No mundo globalizado, onde as informações chegam a todo instante, deparamo-nos, no século XXI, com uma sociedade imediatista e ansiosa e isso tem refletido, de forma fragilizada e negativa, no ambiente escolar. Neste artigo, pudemos perceber que os transtornos de ansiedade e de depressão acometem cada vez mais os estudantes, causando baixa autoestima, tristeza, isolamento, pessimismo e sentimento de inferioridade, afetando, por conseguinte, o desempenho na aprendizagem escolar. É possível destacar que uma parte dos fatores pode estar relacionada a famílias desestruturadas, perda de um ente querido, à falta de resiliência, à falta de tolerância, ao estresse, etc.

Percebemos a necessidade do tripé: família, estudante e escola. É dever da família estar à frente das necessidades relacionadas à escola, buscando auxílio quando necessário e participando da vida escolar dos seus filhos para que ambos tragam desempenho satisfatório e, assim, atinjam os objetivos educacionais do estudante.

Refletir a importância do olhar do professor para com as crianças depressivas no ambiente de sala de aula requer aprimoramento da formação acadêmica inicial, além de algumas habilidades frente ao universo da sala de aula, como a empatia, o respeito, a escuta e o entendimento no que diz respeito à complexidade do ser humano.

Nesse sentido, compreender as competências e habilidades socioemocionais como suporte no desenvolvimento cognitivo e emocional pode ser um caminho para que a escola entenda que o ato de aprender está vinculado a outros saberes, que a formação do capital humano passa por outras dinâmicas e vai além da mera transmissão dos conteúdos.

REFERÊNCIAS

- ABED, Anita. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo: UNESCO/MEC, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100002. Acesso em: 05 set. 2018.
- BOARATI, M. A. Há muitas formas de ajudar. Como o professor pode ajudar. In: KONKIEWITZ, E. C. **Criança, família e escola: promovendo o desempenho e a saúde emocional do seu filho –guia prático para pais e professores**. São José dos Campos: Pulso 2015. Cap. 1-3, p. 13-34.
- BRAIT, L. F. R. et al. A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 8, n. 1, jan./jul. 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/304480864> Acesso em: 18 ago. 2018.
- BRASIL. Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968. **Reforma universitária**, Brasília, DF, 1968. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15540.htm. Acesso em: 21 set. 2018
- BOARATI, M. A. Há muitas formas de ajudar. Como o professor pode ajudar. In: KONKIEWITZ, E. C. **Criança, família e escola: promovendo o desempenho e a saúde emocional do seu filho –guia prático para pais e professores**. São José dos Campos: Pulso 2015. Cap. 1-3, p. 13-34.
- BUENO, C. **Sozinho na multidão: influencias da depressão na escola**. 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/sozinho-na-multidao-influencias-da-depressao-na-escola/31540>. Acesso em: 10 out. 2018.
- CARMO, A. L. do.; SILVA, A. P. B. . Depressão infantil: uma realidade presente na escola. **Nucleus**, La Rioja, v.6, n.2, pp. 333-344, out. 2009.
- CALSA, G. C.; AMARAL, T. C.; NASCIMENTO, M. C. Crianças com transtorno de ansiedade e suas possibilidades de aprendizagem na escola por meio da descentração. Anais da Semana de Pedagogia da UEM, Maringá, v. 1, n. 1, pp. 01-06, 2012. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2012/pdf/M/M-07.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.
- CORTEZ, M. V. D. M. Depressão infantil no contexto escolar: uma análise comportamental. pp.63, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2858/2/20137355.pdf> Acesso em: 24 nov 2018.
- PORVIR. **Especial sociemocionais**. Disponível em: <http://porvir.org/especiais/socioemocionais/>. Acesso em: 05 out. 2018.

FORTES, I.; MACEDO, M. M. K. Automutilação na adolescência – rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, Barranquilla, v. 20, n. 38, pp. 353-367, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/psico/v20n38/0124-0137-psico-20-38-00353.pdf>. Acesso em: 09 out 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_48_1491426605.pdf. Acesso em: 18 set. 2018.

FREUD, S. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: _____. **Obras completas**. V. 11. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987, pp. 215-218. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000300006. Acesso em: 24 ago. 2018.

GAY, M.; VOGELS, A. Depressão na infância e adolescência. In: ALSOP, P.; McCAFFREY, T. (Orgs.). **Transtornos emocionais na escola**. Trad. Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999. Acesso em: 16 set. 2018.

KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. **Principles of Neural Science**. New York: McGraw-Hill, 2000.

SOUSA, C. J. S.; SILVA, M. S. L. As perspectivas profissionais do curso de pedagogia: uma análise bibliográfica dos campos de atuação do pedagogo. Dez. 2017. Disponível em: educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/as-perspectivas-profissionais-do-curso-de-pedagogia-uma-analise-bibliografica-dos-campos-de-atuacao-do-pedagogo. Acesso em: 12 set. 2018.

LEMO, M. F. de L.; SALLES, A. M. B. Algumas reflexões em torno do suicídio de crianças. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v14n1/a04.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2011.

MENIN, M. S. S. Desenvolvimento moral. In: MACEDO, L. **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 37-104. Disponível em: <http://www.educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/relacao-familia-escola-peculiaridades-divergencias-e-concordancias-no-processo-ensino-aprendizagem>. Acesso em: 18 ago. 2018.

MIRANDA, A. B. S. **O trabalho do psicólogo na escola**. 2013. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_gestao_uem_morganaclararosabortolli.pdf. Acesso em: 26 set. 2018.

MOREIRA, C. E. **Formação continuada de professores:** entre o imprevisto e a profissionalização. Florianópolis: Insular, 2002. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2337-6.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

NAUE, C.; WELTER, M. P. **Transtorno de ansiedade infantil.** 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/69050462-Transtorno-de-ansiedade-infantil-catia-naue-1-maria-preis-welter-2-resumo.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **OMS:** suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5674:suicidio-e-grave-problema-de-saude-publica-e-sua-prevencao-deve-ser-prioridade-afirma-opas-oms&Itemid=839 Acesso em: 08 out. 2018.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (Org). **A escola vista pelas crianças.** Lisboa: Porto Editora, 2008.

OLIVEIRA, P. S.; LIMA, L. D. M.; MAGALHÃES, E. N. **Depressão infantil:** uma abordagem patológica dos aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Maio 2018. Disponível em: <https://psicologado.com.br/psicopatologia/transtornos-psiquicos/depressao-infantil-uma-abordagem-patologica-dos-aspectos-cognitivos-emocionais-e-sociais>. Acesso em: 26 ago. 2018.

PRIETO, D. Y. de C. **Indicadores de proteção e de risco para suicídio por meio de escalas de auto-relato.** 2007. 155f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2007. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16055/1/2007_DanielaYglesiasdeCastroPrieto.pdf. Acesso em: 12 out. 2018.

SALLA, F. **Neurociência:** como ela ajuda a entender a aprendizagem. 2012. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/217/neurociencia-aprendizagem>. Acesso em: 27 out. 2018.

SANCHES, L. **Ansiedade: viver no futuro sem Energia.** 2010. Disponível em: http://www.espaco-vida.com/ZEN_012_ansiedade.pdf. Acesso em: 21 set. 2018.

SOUSA, M. R. S. **Saúde e vida on-line.** 2000.. Disponível em: <http://www.nib.unicamp.br/svot/artigo53.htm>. Acesso em 06 set. 2018.

SZYMANZKI, H.. **A relação família/escola:** desafios e perspectivas. Brasília: Plano Editora, 2003. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/relacao-familia-escola-uma-parceria-importante-no-processo.htm>. Acesso em: 15 set. 2018.

VASCONCELLOS, C. S. **Currículo**: a atividade humana como princípio educativo. 2.ed. São Paulo: Libertad, 2009. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5202_2668.pdf. Acesso em: 14 set. 2018.